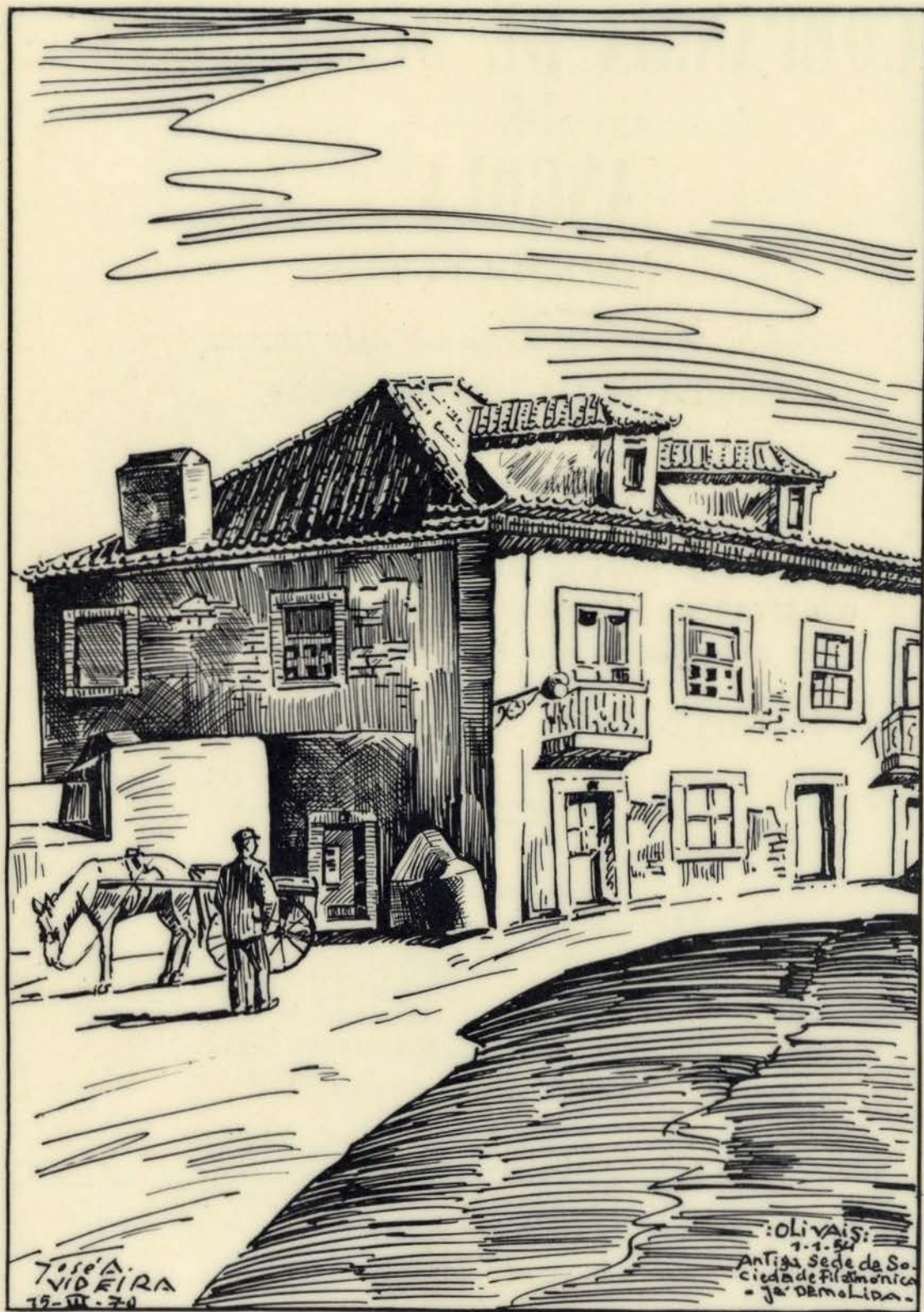


OLISIPO

Boletim do
Grupo Amigos de Lisboa



COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA (DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital Social: 294100 000\$00



Empresa portuguesa para pesquisa
e extracção de diamantes em regime
de associação de interesses com a

PROVÍNCIA DE ANGOLA



SEDE SOCIAL

Rua dos Fanqueiros, n.º 12

LISBOA

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA
DUNDO — ANGOLA

REPRESENTAÇÃO EM ANGOLA
Rua Avelino Dias, n.º 59
LUANDA

TELEGRAMAS :
DIAMANG

Na

LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.^a livros sobre
todos os assuntos escritos nas
principais línguas europeias

Damos informações biblio-
gráficas e aceitamos enco-
mendas para todos os países

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo, 70-74

Telefones: 3 05 82 - 3 05 83 - 32 82 20

Secção de revenda e armazéns

Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA-2



SEGUROS

Largo do Corpo Santo, 13
Telefone 3 03 21 LISBOA

^A LEGAL & GENERAL

agradece aos

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm dado para os seus
contratos de seguros*

Capital e Reservas

800 MILHÕES DE LIBRAS

Correspondente:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA



VISTA ALEGRE

Porcelanas

●
LOJAS:

Largo do Chiado, 18 — LISBOA
Av. Navarro, 42 — COIMBRA
R. Cândido Reis, 18 — PORTO
R. St.ª Isabel, 21 — PORTIMÃO

SEDE

L. BARÃO DE QUINTELA, 3-1.º
LISBOA

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
SPOKEN**

●
Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

●
Rua Augusta, 161 — Telef. 32 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA

●
Rua Sá da Bandeira, 166 — Telef. 1361 P. B. X.
PORTO

Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

Oferta
2003-12-11

M

OLISIPO

ANO XXXIII

JANEIRO/ABRIL

Número 129

Direcção, Edição e Propriedade
do

GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º – Tel. 32 57 11
Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. – S. Vicente de Fora – R. Voz do Operário, 5-A

SUMÁRIO

EM DEFESA DO VALOR ARTÍSTICO DOS TEMPLOS DA CAPITAL — <i>Representação a Sua Eminência o Cardeal Patriarca e respectiva resposta</i>	3
PLANO DIRECTOR DE LISBOA — <i>Resposta da Ex.ª Câmara Mu- nicipal à mensagem do Grupo «Amigos de Lisboa»</i> ...	10
A PROPÓSITO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO CORONEL DE ENGENHARIA AUGUSTO VIEIRA DA SILVA pelo <i>Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves</i>	12
A SEPULTURA DE PEDRO ÁLVARES CABRAL (SANTARÉM) E O CENOTÁFIO DO PANTEÃO NACIONAL	16
POESIAS OLISIPONENSES: «JUSTAS NA RUA-NOVA», de <i>Júlio de Castilho</i>	22
RELATÓRIO DA JUNTA DIRECTIVA E PARECER DA COMISSÃO DE CONTAS, referentes ao ano de 1969 e Triénio 1967/69 ...	23
CORPOS DIRECTIVOS E SECÇÕES DE ESTUDO para o Triénio de 1970-1972	28
ALMOÇO COMEMORATIVO DO 34.º ANIVERSÁRIO DO GRUPO ...	31
ACTIVIDADE CULTURAL DO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1970 ...	36
OBRAS LITERÁRIAS RECEBIDAS	40
FEIRA DA LADRA	41
CAPA: Olivais — Antiga sede da Sociedade Filarmonia (já de- molida) — Desenho de <i>J. A. Videira</i>	
VINHETAS DE <i>J. A. Videira e Figueiredo Sobral</i>	



Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

CORPOS GERENTES DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

Triénio 1970/72

JUNTA DIRECTIVA

- Presidente* — Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves
Vice-Presidente — Dr. Álvaro do Amaral Barata
Secretário-Geral — Dr. José Cassiano Neves
Secretário-Geral Adjunto — Dr. Alberto Gomes
Tesoureiro — Fernando Dias Pereira
Vogais — Cor.-Art. Aníbal Afra Nozes
Dr. Paulo Caratão Soromenho
Padre Francisco dos Santos Costa
Arq.^a Dr.^a D. Ana Maria Pereira da Gama

ASSEMBLEIA GERAL

- Presidente* — Brigadeiro D. João António Saldanha de Oliveira
e Sousa (Conde de Rio Maior)
Vice-Presidente — Professor B. A. Armando de Lucena
1.º Secretário — Joaquim Pascoal Rodrigues
2.º Secretário — Marcial Pereira Mendes

COMISSÃO DE CONTAS

- Presidente* — Cor.-Art. Francisco Pereira de Lacerda Machado
Secretário — Hygino Nunes da Silva
Relator — Dr. Francisco Gonçalves do Couto Santos

EM DEFESA DO VALOR ARTÍSTICO DOS TEMPLOS DA CAPITAL

*Representação enviada a Sua Eminência o
Cardeal Patriarca a propósito de algumas modi-
ficações recentemente verificadas em templos
de Lisboa.*

Eminentíssimo e Reverendíssimo
Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa

Eminência :

A acção do Grupo «Amigos de Lisboa», fundado há trinta e três anos, subordina-se a dois objectivos fundamentais: contribuir para o estudo e solução dos problemas de urbanismo e expansão da capital e defender o património artístico, monumental e documental lisiponense. Assim, a sua actuação tem de considerar a variedade das questões inerentes ao presente e futuro da cidade, sempre de complexidade crescente, sem esquecer o estudo de quanto concerne à história e arte da grande metrópole, isto é, sem se limitar ao que poderia denominar-se atitude saudosista.

Reconhece as inovações que a vida social hoje impõe, mas não esquece, como essencial, o culto do Passado. Por isso, frisamos, que, nas considerações que seguidamente temos a honra de submeter à alta apreciação de Vossa Eminência, não se podem descortinar propósitos de dificultar o que a Igreja tenha por conveniente quanto a fins de culto, acção social e outros — de cuja apreciação aliás não tem esta agremiação cultural de se ocupar —, mas somente de preservar o valor artístico dos templos de Lisboa, nos quais reside grande parte do que de monumental e histórico ainda possuímos.

Várias modificações operadas em igrejas da capital, baseadas em documentos conciliares, sobretudo na Constituição sobre a Sagrada Liturgia, têm sido objecto de apreciações díspares, com reflexo na Imprensa lisboeta. Também o assunto foi ventilado em duas sessões dos habituais *Colóquios Olisiponenses*, de iniciativa deste Grupo cultural, nas quais foi resolvido formular perante Vossa Eminência algumas observações acerca de tão momentoso assunto.

Chamaram sobretudo a atenção da Imprensa algumas das alterações verificadas nas igrejas paroquiais da Ajuda e de Santa Isabel,

às quais veio depois juntar-se, de modo muito saliente, a de Nossa Senhora dos Anjos, tendo também remecido reparos o critério adoptado na Capela de Nossa Senhora das Dores, da freguesia de Belém.

Na sua essência, as modificações assinaladas traduziram-se pela amputação de parte dos altares laterais (mesas de sacrifício), eliminação ou transformação do altar-mor, desaparecimento de teias, substituição de guarda-ventos no intuito de beneficiar a iluminação, etc. Sem propósitos de referir, nesta simples enumeração, tudo quanto se fez, pode contudo afirmar-se que muitas das transformações em referência não merecem substancial discordância.

Quanto às que não poderão conquistar unanimidade de sufrágios laudatórios, citamos, em primeiro lugar, as modificações dos altares, porque acarretam enorme desvalorização ao conjunto artístico em que foram realizadas. Em que se baseiam os seus autores? No disposto no art. 128 da sobredita Constituição, que estabelece seja revisto o mais depressa possível o conjunto das coisas externas que se referem ao culto, sobretudo quanto a uma construção funcional e digna dos edifícios sagrados, erecção e forma dos altares, nobreza, disposição e segurança dos sacrários, dignidade e funcionalidade do baptistério, conveniente disposição das imagens, decoração e ornamentos.

Trata-se de princípios a observar, quanto a novos templos. É de notar, porém, estabelecer-se, no mesmo artigo, que se emendem ou desapareçam as normas que pareçam menos de acordo com a reforma da Liturgia, mas se mantenham e introduzam as que forem julgadas aptas a promovê-la. Ora, esta disposição não pode contrariar o que, em artigo anterior (123) ficou estabelecido: «A Igreja nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários Ritos, criando deste modo no decorrer dos séculos um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente».

Na igreja dos Anjos os altares laterais foram mutilados (nas mesas) e rematados por planos verticais forrados de azulejos sem interesse, tendo perdido a beleza que os caracterizava. Atendendo a que foi suprimida a teia (de belo efeito e valor), não parece justificar-se, no objectivo de conseguir-se mais desafogo quanto a espaço junto às paredes laterais do templo, a solução adoptada, que consideramos grande desvalorização para esta igreja, que, não sendo monumento nacional, se distingue no entanto pelo seu valioso conjunto de talha e pintura.

Só é de admitir qualquer eliminação, quando não afecte a beleza dos imóveis. No mesmo edifício, havia muitos anos que a capela do Santíssimo, pela colocação do sacrário na capela-mor, passara a ser simples comunicação entre a nave e a sacristia, mas nem por isso fora removido o respectivo cancelo dourado, que continuou a ser mantido (e muito bem) no projecto de transformação agora ter-

minado. Outro exemplo: na igreja de Santa Isabel, foram construídos dois ambões próximo do altar, que substituiu o antigo altar-mor, mas continua existindo, embora sem utilização, o antigo e único púlpito do mesmo templo.

Que se retirem da casa de Deus e de outros lugares sagrados aquelas obras de arte que «são más na forma ou insuficientes, medíocres ou falsas na expressão artística», conforme estabelece o art. 124 da citada Constituição, é preceito de aplaudir, quer pelos componentes da Igreja, quer pelos que a ela são estranhos. Mutilações como aquela que acabamos de referir, em relação a altares, adoptada também na paroquial da Ajuda, cremos não poderem ser brandidas por tão salutar princípio.

Nesta curta exposição, deixamos bem expresso o nosso pensamento. Isso nos dispensa de referências de pormenor.

Diremos, porém, que modificações tão profundas como a operada na Igreja dos Anjos deveriam ser, a exemplo do que anteriormente se verificava naquele templo, assinaladas por inscrição bem patente. Explicava-se, em lápide colocada próximo da entrada, que a igreja fora transferida de outro local, devido à abertura da actual Avenida Almirante Reis, havendo sido adaptada integralmente no novo edifício toda a preciosa obra de talha e mais motivos artísticos do antigo, e indicado o nome do notável arquitecto, que projectou o actual imóvel. Seria vantajoso manter essa inscrição, aditando-se-lhe o esclarecimento de que, em 1969, se verificou profunda alteração.

E sobre a manutenção de imagens nos templos — questão que, na generalidade, ultrapassa os objectivos deste Grupo — não deixaremos de manifestar a opinião de que encontrando-se na capela-mor da maioria das nossas igrejas as imagens dos respectivos santos titulares, nunca devem ser deslocadas para outro local, se se tratar de figuras nacionais. É de notar que a Igreja reserva as «festas» de muitos santos apenas para uma Nação ou Família Religiosa, reconhecendo assim a legitimidade de um culto especial (art. 111 da Constituição da Sagrada Liturgia). Por isso, afigura-se-nos que a imagem da Rainha Santa Isabel deveria manter-se na capela-mor da sua igreja de Lisboa, e não, como actualmente se encontra, em pequena mísula fronteira ao púlpito. Fica-se com a impressão de que tal iniciativa não partiu de entidade portuguesa...

Felizmente, numa das principais igrejas paroquiais de Lisboa, a da Encarnação, a imagem da Rainha Santa — verdadeira figura nacional — continua mantendo a sua destacada posição, e talvez outros exemplos idênticos possam ser também louvados.

Terminamos esta parte da nossa exposição aludindo a um recente artigo intitulado *Salvemos e Aproveitemos as Igrejas Antigas*, inserto no diário *Novidades*, de 9 de Março último. Socorremo-nos, por motivos bem compreensíveis, dessa valiosa credencial, para apoio

das ideias que defendemos: «As igrejas antigas, com as suas obras de arte, constituem a mais importante riqueza do património artístico nacional. Elas falam de quanto foi capaz o génio e a fé dos nossos antepassados. Por isso, a Igreja e a Nação estão empenhadas em conservá-las como instrumento de cultura e testemunho de fé.» E o articulista, após ter considerado o melindre da adaptação das velhas igrejas aos indispensáveis requisitos das de hoje, escreve, com razão, que «em Lisboa foi considerada bem sucedida a reorganização da igreja de Santa Isabel, há alguns anos», igreja em que, fora a transformação da capela-mor, todos os altares laterais ficaram intactos — acrescentamos nós. E ao concluir, o mesmo autor escreve: «Mas nesta fase de transição, em que não é possível prever o futuro da Pastoral e da Liturgia, reconhece-se o melindre de tocar na estrutura das igrejas antigas».

«As remodelações necessárias deverão ter um carácter simples e provisório. Não basta que resultem funcionalmente para certas assembleias, mas é preciso que não estraguem a fisionomia da igreja, que se quer digna, alegre e arrumada».

Que impere a moderação, nestas palavras com são critério manifestada, eis nossos votos.

Outro assunto passamos a apresentar à alta apreciação de Vossa Eminência Reverendíssima, acerca do qual colhemos recentemente — numa das habituais visitas de estudo promovidas por este Grupo — importantes informações: as precárias condições em que se encontram as igrejas do Bairro de Alfama, há muito considerado valioso elemento histórico e turístico da cidade, e que, ultimamente, tem suscitado grande interesse à Ex.^{ma} Câmara Municipal e a outras entidades oficiais. Contam-se nesse bairro cinco templos, dois de assinalada importância (os de Santo Estêvão, monumento nacional, e o de S. Miguel), sendo dos restantes de evidenciar no entanto a ermida dos Remédios ou do Espírito Santo, com o seu pórtico manuelino — considerado monumento nacional —, sem esquecer as duas restantes, que têm também a sua história e numa das quais, a de Santa Luzia, foi recentemente restaurado o culto, com regularidade.

Impõe-se, segundo pensamos, cuidar da beneficiação de todas estas igrejas e capelas, sendo de esperar que providências oficiais sejam tomadas relativamente à paroquial de Santo Estêvão, como monumento nacional; mas, quanto às restantes, é de desejar que as obras que vierem a ser tidas por mais necessárias se executem com a possível brevidade (queremos aludir especialmente à igreja de S. Miguel e à capela dos Remédios), afigurando-se-nos que seria bem aceite pelo Ministério da Educação Nacional um pedido do Patriarcado nesse sentido, essencial para que a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais fique autorizada a proceder a tais trabalhos.

Independentemente, porém, dessas obras poderiam preservar-se de danificação ou mesmo perda total variados elementos artísticos ou históricos que, segundo cremos, devem encontrar-se, pelo menos, no arquivo da igreja de Santo Estêvão.⁽¹⁾

Ao concluir, queremos, ainda, com grande interesse, focar a urgência de ser intensificada — evidentemente por parte do Venerando Episcopado — a atenção que tem sido prestada à conservação das obras de arte móveis, existentes nas nossas igrejas, muitas vezes incompreendida e outras não acatada.

Variados casos, sucedidos na capital e outras localidades do Patriarcado (e que dizer do que, dia a dia, se verifica em outras Dioceses?) têm alertado a opinião pública contra o pernicioso e irremediável desgaste do nosso património artístico dessa modalidade. Que o problema continua bem actual, provam-no as considerações que se nos deparam no diário *Novidades*, em editorial de 1 de Fevereiro do ano corrente, valiosas como outras que acima citámos e de especial significado dado o carácter do jornal, o que também já salientámos.

Lá recordou o articulista que «desleixos, especulações escandalosas, espertezas saloias à mistura esvaziaram as nossas igrejas. E aqueles objectos preciosos que exprimem o testemunho da fé e da cultura de um povo que é o nosso — lá se foram. O que as chuvas e o tempo ainda pouparam, a cobiça levou. Mas é preciso salvar o pouco que ainda resta».

Estas considerações respeitam tanto a imóveis como a móveis: se os desgastes nos edifícios são por vezes clamorosos, as perdas assinaladas nos seus recheios artísticos atingem também aspectos alarmantes. Os objectos ficarão salvaguardados, se vierem a pertencer a museus diocesanos ou mesmo depositados em museus públicos, sem que a Igreja perca a respectiva propriedade; mas, se se reconhecer, dados certos factores, que se impõe a sua alienação, não podem ser juizes de tal operação os párocos, mas apenas as respectivas autoridades eclesiásticas, e mesmo assim após consulta às comissões de arte sacra das suas dioceses (supondo que existam e, mais ainda, sejam competentes) ou a um grupo de peritos *ad hoc*. Conhecemos bem quanto de útil se tem feito já neste objectivo, mas reconhecemos ser indispensável que as sensatas determinações de vários Prelados se tornem ainda mais eficientes.

Existe há muito uma legislação tendente a impedir qualquer descuido, quer na conservação, quer na renovação ou ainda na transacção das obras de arte: o património artístico da Igreja é devidamente considerado pelo Direito Canónico, que lhe dedica vários

(1) Trata-se do arquivo da igreja de S. Miguel e não do da igreja de Santo Estêvão, lapso que se corrige.

cânones, e o Concílio Plenário Português, reunido em 1926, não descurou o assunto, tratado também recentemente, no Concílio Vaticano II, especialmente na Constituição sobre a Sagrada Liturgia.

Quando estas restrições não forem respeitadas, os contratos de alienação serão nulos, e os responsáveis obrigados a recuperar as obras ou a indemnizar as igrejas pelo valor real das mesmas, solução esta que não satisfaz as justas aspirações dos intransigentes defensores do património artístico nacional. Com razão escreveu o autor do sobredito artigo: «Estas leis já estão a ser cumpridas em algumas dioceses. Mas, para além da obediência ao que está determinado, parece que um mínimo de decência e de respeito por estes objectos de culto — que animaram a fé de tantas gerações — deveria ser bastante para levar os reitores de igrejas a proceder com bom-senso nesta matéria. De resto, já é tempo de os sacerdotes estarem suficientemente informados, para não se deixarem enganar por qualquer negociante medianamente esperto».

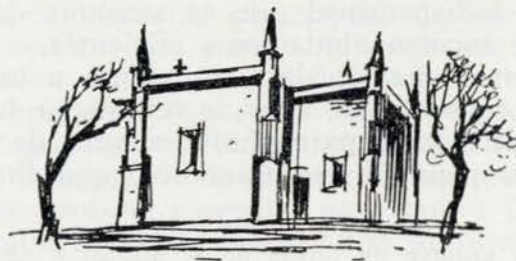
Se fosse propósito nosso alongar esta exposição, ser-nos-ia fácil respigar, no tão interessante *Boletim de Informação Pastoral*, muitos outros elementos relativos à condenável indiferença, que entre nós se tem notado por tão importante problema.

Ninguém melhor que Vossa Eminência Reverendíssima, pelas responsabilidades do seu múnus, pela sua extensa obra de defesa da nossa arte e pelo seu patriotismo, tantas vezes tão alevantadamente manifestado, poderá considerar em seu elevado critério os reparos que o Grupo «Amigos de Lisboa», sempre profundamente interessado pelo prestígio da capital e defesa da sua arte, tem a honra de depor nas mãos de Vossa Eminência.

Lisboa, 29 de Dezembro de 1969.

A BEM DE LISBOA

A Junta Directiva



*Resposta do Patriarcado de Lisboa
à mensagem enviada
pelo Grupo a Sua Eminência*

Lisboa, 15 de Janeiro de 1970.

Excelentíssima Junta Directiva dos «Amigos de Lisboa»

LISBOA

Encarrega-me S. Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de agradecer a V. Exas. a atenção da exposição que lhe enviaram, datada de 29-Dez.º-69, sobre a adaptação das igrejas à nova liturgia.

A exposição mereceu a melhor atenção a S. Eminência que, quer directamente quer por intermédio dos órgãos próprios da Diocese, como sejam: Comissão de Arte Sacra, Comissão de Liturgia e Música Sacra, Secretariado das Novas Igrejas e Secretariado de Acção Pastoral, em que entram peritos dos vários aspectos do problema, inclusivamente da arte e da arquitectura, tem procurado que todas as adaptações ou arranjos sejam realizados com o maior equilíbrio possível de modo a satisfazer não só as normas e indicações da Santa Sé em geral, e concretamente as dos documentos conciliares que se referem à arte e tradição, assim como as normas, digo, novas exigências da liturgia e pastoral, expressas nos mesmos documentos conciliares a que são tão sensíveis os fiéis dos nossos dias.

Infelizmente, por várias circunstâncias lamentáveis, nem sempre se consegue o equilíbrio desejável e o melhor e S. Eminência é o primeiro a lamentar.

A opinião de pessoas e entidades de tão alto nível cultural e intelectual como V. Exas. e a Agremiação a que pertencem, certamente que muito ajudam a ver o problema em todas as suas incidências, e por isso mesmo a tentar resolvê-lo da melhor maneira.

Aproveito a ocasião para apresentar a V. Exas. os meus muito respeitosos cumprimentos.

O Pro Vigário-Geral

(a) Cónego D. João de Castro

PLANO DIRECTOR DE LISBOA

Resposta recebida em 6-12-1970 da Presidência da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa a propósito da mensagem enviada pelo Grupo e publicada a págs. 173 e segs. do OLISIPO n.º 123/124.

Ex.^{mo} Senhor Presidente do Grupo «Amigos de Lisboa»

A carta que V. Ex.^a se dignou enviar a esta Câmara Municipal, em 28 de Agosto de 1968, a propósito do Plano Director de Lisboa, pela expressão de júbilo que manifesta por essa realização e pelos alvitre e sugestões nela contidos, mereceu a melhor atenção e é tida como lenitivo para quem tem o árduo trabalho de dirigir as coisas municipais, ao mesmo tempo que reconforta por, uma vez mais, dar a conhecer o interesse que merece a outras entidades essa mesma gestão municipal.

A aprovação do Plano Director, em sessão da Câmara, veio dar às Direcções de Serviços um instrumento fundamental para a elaboração dos estudos vários que pretendem atingir os objectivos que todos procuramos — o progresso e a defesa da cidade. Mas, exactamente por isso, obrigou a repensar soluções que, ao tempo, eram encaradas como válidas e a definir critérios de preservação de valores histórico-artísticos, de preservação de panorâmicas, de prioridades de estudos e de realizações, etc..

É esta a razão da demora na resposta à carta de V. Ex.^a, e, agora, já é possível informar que se encontram realizados alguns estudos e outros estão em pleno desenvolvimento, nomeadamente no que diz respeito à rede viária, a planos de urbanização e ao estudo das unidades de ordenamento bem como à procura de soluções efectivas para importantes aspectos de equipamento da cidade, como são os

casos, por exemplo, do metropolitano e dos cemitérios, citados por V. Ex.^a, e os dos hospitais, instalações escolares e drenagem de águas pluviais.

Não é possível, no âmbito desta carta, pormenorizar a actividade dos diferentes Serviços no que diz respeito à realização do Plano Director; no entanto, é com inteiro prazer que a Câmara Municipal está ao dispor de V. Ex.^a para lhe prestar os esclarecimentos que desejar, ao mesmo tempo que agradece as sugestões que lhe possam ser feitas, dentro do espírito de colaboração e amor pela cidade, como é o de V. Ex.^a.

Apresento a V. Ex.^a os meus cumprimentos.

A Bem da Nação

Lisboa, 2 de Março de 1970.

O Presidente

(a) António Vitorino França Borges



A PROPÓSITO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO CORONEL DE ENGENHARIA AUGUSTO VIEIRA DA SILVA

*Palavras proferidas na sessão comemorativa
do facto, realizada em 29 de Janeiro de 1970, pelo
Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves*

Meus Senhores

Falar de Vieira da Silva nesta casa é simultâneamente uma responsabilidade e uma banalidade porquanto sobre Vieira da Silva muito há sempre a dizer tal o valor e a categoria da sua obra e é só deixar falar a saudade porque o seu afável trato e a sua maneira de ser, de aspecto austêro mas simultâneamente um bom e um afectivo, em todos deixava amizades. Por outro lado e também por duas razões entendi que esta sessão, comemorando o centenário do seu nascimento que se perfez exactamente em 17 de Setembro de 1969, devia ser comemorado sim, mas com modéstia e discernimento como ele costumava usar em todos os seus actos e ainda porque sou eu que estou a falar a V. Exas. Razão por que a todos se comunicou mas a ninguém se convidou.

O engenheiro Augusto Vieira da Silva sobre ser um profissional distintíssimo e um militar austero era simultâneamente um arqueólogo e um olisipógrafo na verdadeira acepção da palavra. Como se tem dito e eu mesmo já o disse, o engenheiro Vieira da Silva, que, como militar atingiu o posto de coronel e como engenheiro chegou a inspector industrial, deixou larga e copiosa obra bibliográfica e uma enorme colecção olisiponense que está hoje na posse da Exma. Câmara Municipal de Lisboa, que em boa e salvadora hora a adquiriu, e meticulosamente inventariada, como meticolosos e numerosos são os verbetes sobre assuntos lisboetas que contém, como afirmou Julieta Ferrão aquando do seu falecimento num artigo publicado em número comemorativo de tal facto no nosso OLISIPO, o n.º 54 em Abril de 1951.

Quando, em 20 de Fevereiro de 1951, no seu vasto museu da Rua de S. Domingos à Lapa, nos deixou, abriu uma vaga dificilmente, no seu tipo, maneira de ser e agir, de preencher e ainda hoje vaga.

É que Vieira da Silva não era vulgar em qualquer dos aspectos em que o encaremos mas o cronista exacto, dada a sua formação técnica, dos acontecimentos passados e das ocorrências coevas, que não se afirmavam sem o documento e a prova que justificasse a afirmação. Sobre a sua modéstia e maneira de ser todos os que o conheceram e se lhe têm referido são unânimes: Matos Sequeira, Hugo Raposo, Julieta Ferrão e Norberto de Araújo, nas referências necrológicas do nosso OLISIPO já citado ou dos jornais, aludem a conhecimentos que o documentam e Raposo trás à colação dois factos ocorridos um aquando da romagem ao Castelo em 1940, escondendo-se entre a multidão dos sócios que nela tomaram parte, ele que tinha sido o primeiro presidente da Junta Directiva do Grupo e era nosso sócio honorário, e outro numa visita a uma agremiação em que se alujou numa cadeira da rectaguarda; em ambas as circunstâncias discretamente chamada a sua atenção para o facto teimou em continuar na sua discreta situação. Como já se disse, nunca, mesmo depois de aposentado, deixou os afazeres da sua profissão quer trabalhando nas construções de cimento armado onde foi um precursor eficiente, quer em outras, relembrando os seus tempos de profissional militar nos trabalhos das baterias de São Gonçalo e do Areeiro como nas do Alto do Duque e no Castelo de São Jorge onde ainda tenente trabalhou. Não lhe era estranha também a engenharia civil porquanto colaborou nas obras da primitiva estação do caminho de ferro do Estoril e na reconstrução da ala oriental do Terreiro do Paço.

De graça espontânea e natural são de notar os seus ditos de repentista como por exemplo o cartão que possuo e apresento.

E a resposta telefónica dada a Hugo Raposo, aquando da sua ida à visita a Vila Franca aos marcos do termo de Lisboa, em que era necessário fotografias. Vieira da Silva respondeu pelo telefone: «Bom, está bem, então não venha nem antes das seis da manhã nem depois das seis da tarde!». Norberto de Araújo faz na sua crónica habitual do «Diário de Lisboa» a seguinte afirmação: «Vieira da Silva, discípulo de Castilho por força da assimilação da paixão

olisiponense, não deixou muitos discípulos, porque a sua cátedra não dispõe das atrações da turba e dos ouropéis da popularidade. Mas deixou uma obra monumental, que em certos passos, ainda que sobre prismas diversos, parece esculpida pelo cinzel de um Herculano. Dissemos que Vieira da Silva, não era um lírico. E contudo cantava em estrófes eruditas de labor de beneditino, em ritmos que ressoavam a bronze. Muitas pessoas ignoram que o Mestre insigne que ontem se apagou — e só pelo sopro da morte — possuía uma sensibilidade que roçava pela ternura. Poucos sabiam que Vieira da Silva tinha o culto do pitoresco e das pequeninas coisas amoráveis, das louçanias da cidade. Ele dominava-se, quando escrevia, dessa espécie de lirismo contemplativo que lhe parecia uma inferioridade. Mas já não acontecia isso quando se abria com amigos e quando contemplava as heras que envolvem as ogivas das sagradas ruínas.

Se a Câmara já divulgou as suas obras é mister que os professores de letras, de história e de arte levem todos os que lhes passam pela cátedra a compreender os livros e a seguir os ensinamentos do grande e generoso mestre que foi Augusto Vieira da Silva».

E, porque não pedir aos professores primários e aos autores de livros de leitura, lembrar e pedir que nas escolas de Lisboa, com transcrições do Mestre se criasse na população infantil a história e o amor à nossa Cidade.

Foi Vieira da Silva um dos primeiros a arregimentar-se quando da formação dos *Amigos de Lisboa*, e aquando do seu passatempo Matos Sequeira escreveu: «A sua palavra que a custo se ouvia nas Academias e nas salas que atraem os curiosos... equilibrava a frieza natural da aridez do assunto, com o esplendor da exacção e da revelação. ... Viveu um alheamento completo dos fáceis reclamos e sendo a primeira medalha de ouro da cidade era de uma modéstia que não era estudada, de uma simplicidade de trato que encantava...»

Já tive ensejo em 1965 aquando da inauguração deste tríptico dos grandes da olisipografia, oferecido pelo nosso antigo Director Tesoureiro ao Grupo, dizer que Vieira da Silva usava discretamente deixar, no escaparate destinado à minha correspondência no meu consultório da Rua do Ouro, a sua última produção — e todas me

oferecia — embrulhada num bocado de jornal como se fosse uma banalidade sem importância. A todas, apunha sempre uma dedicatória amável ou jocosa às vezes até em verso, como já tive ensejo de oportunamente vos mostrar.

Carrear, de novo, dizeres sobre Vieira da Silva, é difícil, porque já todos temos dito o que se sabe sobre a sua obra, aliás patente no Gabinete de Estudos Olisiponenses da Câmara Municipal e divulgada na exposição das suas obras e colecções há tempos feita e de que se fez catálogo impresso.

Encómios é superfluo e difícil fazê-los, superfluo porque está no ânimo de todos, difícil porque nenhum dos que ficaram e se lhe têm seguido tem autoridade, maior que a dele, para o poder fazer. Só ficaram discípulos que ainda hoje o consultam com admiração pela sua vasta obra de investigador, beneditino como disse Norberto de Araújo, outro apaixonado líricamente por esta cidade de muitas e variadas gentes.

Como disse, ainda tenente escreveu um estudo histórico sobre o Castelo de S. Jorge. Data essa rara monografia de 1898 e depois largo caudal de artigos, obras, monografias e prefácios até à orientação e revisão das reedições que a nossa Exma. Câmara tem feito dos trabalhos de Júlio de Castilho.

Os dois mestres, Castilho e Vieira da Silva, igualam-se e diferem, igualam-se no amor à cidade e ao seu estudo, diferem porque Castilho romantizou e enterneceu-se e Vieira da Silva estudou e afirmou com critério exacto e preciso, e sendo mesmo a fazer história o engenheiro meticuloso intrinsecamente era também um apaixonado pela nossa cidade. Quem percorrer as anotações de sua autoria, feitas com uma delicadeza quando havia de corrigir alguns dos dizeres do mestre, pode avaliar os sentimentos de respeito simultâneo pela figura de Castilho e pela verdade das afirmações.

Disse já que Vieira da Silva era ao mesmo tempo circunspecto e jocoso, discreto e loquaz na intimidade, mas foi sempre em todas as circunstâncias um perfeito homem de bem e um historiador consciente e probo.

A sua memória paira sobre nós e os seus métodos inspiram os que se lhes seguirem; tem sido essa a nossa norma dos *Amigos de Lisboa* que nunca o esquecem e muito o admiram.

*A SEPULTURA DE
PEDRO ÁLVARES CABRAL
na Igreja da Graça, de Santarém,
e o Cenotáfio do Panteão Nacional
de Lisboa*

Segundo consta do Relatório da Gerência da Sociedade de Geografia de Lisboa, referente ao ano de 1969, a pedido da Câmara Municipal de Belmonte foi depositada na Igreja de S. Tiago, daquela vila, e ali ficou à guarda da edilidade, «uma urna contendo cinzas de Pedro Álvares Cabral, pertença do nosso Museu». Sabemos ter sido feita em 21 de Julho a entrega da urna àquela Câmara.

Reveste-se de certo interesse a história da existência dessas «cinzas», em Lisboa, e de outra urna, idêntica na forma e no conteúdo, na catedral do Rio de Janeiro. Ao assunto se referiu, no ano de 1966, em comunicação sobre a urbanização do Campo de Santa Clara, em que aludiu à glorificação de Pedro Álvares Cabral no Panteão Nacional (*Colóquios Olisiponenses* de 28 de Abril e 14 de Julho), o nosso consócio e antigo director, eng. Júlio Eduardo dos Santos. Considera a Redacção de *Olisipo* oportuno publicar a seguinte nota, de que constam alguns dos elementos utilizados nessa comunicação.



Como é de conhecimento geral, a sepultura de Pedro Álvares Cabral encontra-se na Igreja da Graça, da cidade de Santarém. Diz a respectiva inscrição: «*Aqui jaz Pedro Álvares Cabral, e D. Isabel de Castro, sua mulher, cuja é esta capela, e de todos os seus herdeiros; a qual, depois da morte de seu marido, foi camareira da Infanta D. Maria, filha de el-rei*

D. João, nosso senhor, o terceiro do nome». D. Isabel de Castro era filha de D. Constança de Albuquerque (irmã de Afonso de Albuquerque) e assim quarta neta de D. João Afonso Telo, conde de Ourém.

Durante muito tempo, pouca atenção foi dada à sepultura. Zeferino Brandão, que largamente se ocupou da história de Santarém e teve papel importante nas pesquisas efectuadas na mesma campa — a seguir descritas —, alude a um dito de Garrett: «Quem sabe se Pedro Álvares Cabral não será mandado sair, um dia destes, da Igreja da Graça em Santarém pelo regedor da paróquia?»; e a outro comentário de Ramalho Ortigão: «A quem é que se acha confiado o túmulo de Pedro Álvares Cabral? Não se sabe bem, e são grandes, como pessoalmente tive ocasião de experimentar, as dificuldades que encontra quem deseje dar com o depositário das chaves para ver a igreja. Às gloriosas cinzas daquele que nos deu o Brasil, a gente nem sequer sabe dar um guarda.»

Embora durante anos e anos não tivesse sido devidamente honrada a jazida do grande Português (hoje enaltecida da melhor forma), foi sempre conhecido o seu local, consequentemente errada a informação de que fora descoberta em 1839 pelo notável escritor e diplomata brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagem, Visconde de Porto Seguro (1816-1878), que nesse ano visitou a Igreja da Graça, circunstância de que proveio a impressão de que fora ele que primeiro a notara. Infelizmente, ainda tal *descoberta* continua sendo mencionada, como na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. V, p. 311.

Pode citar-se, contra essa errada hipótese, o que escreveu o P.e Inácio da Piedade e Vasconcelos na *História de Santarém Edificada* [...], Lisboa, 1740. Não é obra que goze de unânime aplauso, mas vale como importante documento, quanto a este pormenor.

Depois da extinção das ordens religiosas em 1834, o edifício do antigo convento ficou a cargo da Câmara Municipal de Santarém, que em 1847 o vendeu a um rico proprietário da cidade, o comendador Silvério Alves da Cunha, que tinha sempre provido à conservação do túmulo. Faleceu em 1892, tendo legado o edifício ao Asilo Distrital de Santo António. Da igreja ficara cuidando a Irmandade dos Passos, embora sem meios suficientes para tal encargo (Portaria de 28 de Junho do sobredito ano de 1847).

A sepultura de Pedro Álvares Cabral foi aberta duas vezes, a primeira das quais em 6 de Agosto de 1882, devido à iniciativa de uma comissão composta por homens de letras residentes em Santarém, entre

os quais Zeferino Brandão. Qual o motivo dessa diligência? Um insólito caso ocorrido, em 1871, durante a visita que ao templo da Graça fizera D. Pedro II, de volta da casa de Herculano em Vale de Lobos: perante a natural emoção do Imperador, uma das pessoas que o acompanhavam [Silva Túlio?] objectou que essa atitude não tinha fundamento, visto a campa já não conter os restos mortais do Descobridor do Brasil, dali sacrilegamente arrancados pelos soldados franceses, que haviam ocupado Santarém no começo do século, acrescentando que posteriormente os liberais tinham entulhado a campa com pedras. Comentário de Zeferino Brandão, em *Monumentos e Lendas de Santarém*, p. 675; e na conhecida obra de José Alberto Corte Real, M. A. da S. Rocha e A. M. S. de Castro *Viagem dos Imperadores do Brasil*, p. 288: «A referência de tamanha profanação indignou o ilustre visitante, que se retirou apressadamente sem dar atenção a mais coisa alguma».

A abertura da lendária sepultura foi, pois, efectuada decorridos onze anos. Mas a pesquisa foi insuficiente. Não foi explorado todo o carneiro em profundidade. Encontraram-se alguns ossos, omitindo-se a devida discriminação, o que justificava o desejo de novo exame, que veio a efectuar-se passados vinte e um anos, por iniciativa do advogado brasileiro Dr. Alberto de Carvalho. Foi-lhe dada autorização, por Portaria de 12 de Fevereiro de 1903, do Ministro das Obras Públicas, mediante prévio parecer do Conselho Superior dos Monumentos Nacionais, e encarregada de proceder as diligências uma comissão presidida pelo Governador Civil de Santarém, Dr. Eduardo Simões Baião, e constituída também pelo presidente da Comissão Executiva dos Monumentos Nacionais, Conselheiro Augusto Fuschini, Doutores José António Serrano e José Leite de Vasconcelos e pelo director das Obras Públicas de Santarém. Posteriormente, foram agregados à comissão os Drs. Joaquim Maria da Silva, ex-reitor e professor aposentado do Liceu de Santarém, Júlio da Costa Malfeito e António Mendes Pedroso, ambos comissários de higiene, e Luís Martins, presidente da Câmara Municipal.

O relatório é da autoria dos notáveis cientistas, Professores José António Serrano e José Leite de Vasconcelos. Foram as seguintes as suas conclusões:

«1.º Que dentro da sepultura, onde historicamente consta existirem os últimos despojos de Pedro Álvares Cabral, se encontram ossadas de muitas pessoas de várias idades e sexos.

2.º Que o número delas, ao certo, não pode determinar-se, por muitíssimos ossos se reduzirem a detritos, não havendo dúvida de que não seriam menos de seis ossadas de adultos, masculinos e femininos, e duas ou três de crianças.

3.º Que a discriminação da ossada que pertencia a Pedro Álvares Cabral é de todo impossível.»

Foram também encontrados ossos não humanos, tendo sido recolhidos e enviados ao naturalista Alberto Girard, para classificação. Resultado: eram das seguintes espécies — coelho, boi, cabra, porco e galinha.

O Dr. Alberto de Carvalho, em cuja numerosa bibliografia se contam várias obras impressas em Lisboa (algumas versando importantes problemas luso-brasileiros), editou dois folhetos também na nossa capital, de que consta circunstanciado relato deste interessante assunto. São eles:

1.º *Memória a Respeito da Sepultura Rasa do Descobridor do Brasil Pedro Álvares Cabral na Igreja da Graça em Sanarém, Portugal. Apelo a Favor da Ideia do Levantamento de Um Túmulo Destinado às Suas Cinzas* — Lisboa, 1902.

2.º *Os Restos Mortais de Pedro Álvares Cabral Descobridor do Brasil* — Lisboa, 1903.



Do exposto, conclui-se que não foi possível realizar a reconstituição do esqueleto do grande Navegador Pedro Álvares Cabral, glória das duas Pátrias Irmãs: Portugal e Brasil, mas em compensação foram utilíssimos os resultados obtidos. Com a maior aproximação possível, conseguiu-se averiguar o número de pessoas inumadas no carneiro, e obter-se um novo e precioso elemento de prova a favor da *inviolabilidade em que sempre se conservou o túmulo*, resultando essa inabalável convicção da posição em que foram encontrados dois esqueletos, incompletos é certo, mas que guardavam ainda as posições em que tinham sido depositados na campa os corpos a que pertenciam.

Foi neste dia que, afinal, se realizou a primeira consagração oficial ao grande Português — escreveu com propriedade o Dr. Alberto de

Carvalho, venerador entusiasta da portentosa obra de Álvares Cabral e dedicado amigo do País que foi berço de tão ínclito navegador.

Como se tratava de exame pericial, o nosso Governo delegou a sua representação nas autoridades locais. Não havia razão para convidar o Ministro do Brasil em Lisboa; mas a grande Nação esteve de facto presente, pelo menos officiosamente, dada a assistência desse ilustre diplomata, Dr. Alberto Fialho, a quem o governador civil de Santarém e outras autoridades locais dispensaram as deferências devidas ao seu alto cargo.

Ocorreu ainda ao benemérito e ilustre promotor desta notável pesquisa, coroar as suas diligências com a recolha de pó da própria sepultura, tendo por isso sido guardadas duas porções iguais em pequenos caixões de chumbo, cada um dos quais foi incluído numa de duas urnas de madeira, idênticas, uma das quais foi oferecida à prestigiosa Sociedade de Geografia de Lisboa, em cujo museu entrou, em 30 de Março de 1903, e ficou até à sua recente remessa para Belmonte (como se refere no início da presente nota), e outra transportada para o Rio de Janeiro, onde a receberam com grande solenidade litúrgica, com assistência do respectivo Arcebispo, Cardeal D. Joaquim Alcoverde d'Albuquerque Cavalcanti. O esplendor da cerimónia pode ser apreciado através da reportagem literária e gráfica publicada pela *Ilustração Portuguesa*, n.º 20, de 21 de Março de 1904.

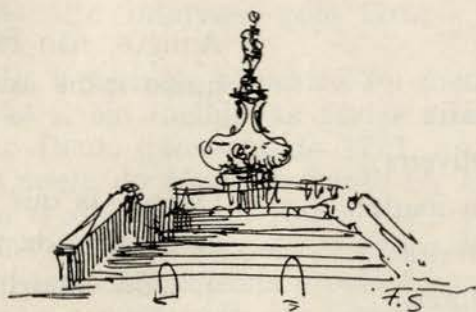
Eis, resumidamente, quanto há a explicar sobre o conteúdo da urna pertencente à Sociedade de Geografia de Lisboa e que acaba de ser depositada em Belmonte. Só merece ser encarecida a atitude do ilustre brasileiro, bom amigo de Portugal, Dr. Alberto de Carvalho, o interesse manifestado, quanto ao assunto, pelo Brasil é ainda o culto consagrado por Belmonte ao seu mais insigne Filho.

Trata-se de comovedor aspecto moral e patriótico; porquanto, em desapixonado exame, ter-se-á de reconhecer o bem reduzido valor dos «resíduos» retirados da sepultura de Pedro Álvares Cabral. São exageradas as designações: *cinzas* (relatório cit. da S. G. L.); *ossos* (*Ilustração Portuguesa*, número supracitado); *resíduos mortuários* (*idem*); etc.

Tudo, afinal, quanto a autenticidade, se resume à campa da Igreja da Graça, em Santarém, e no concernente à mais elevada consagração à memória de Cabral que poderia ser-lhe prestada na sua Pátria, ao cenotáfio existente no Panteão Nacional de Lisboa (um dos seis erguidos

em honra de insignes Portugueses, cujos despojos não podem lá encontrar-se por diversos e bem conhecidos motivos).

Finaliza-se este ligeiro apontamento com a transcrição do que se nos deparou na *Enciclopédia de Cultura Verbo*, acerca do conteúdo da urna existente na Catedral do Rio de Janeiro, de responsabilidade do ilustre Prof. Damião Peres: Os ossos de Pedro Álvares Cabral «repousam ali [Santarém] em campa rasa, na Igreja da Graça: para identificação deles, foi o túmulo escavado em 1882 e 1903, aliás sem resultado concreto, pois ali se encontram vários outros tumulados. Parte da terra tumular foi transportada ao Brasil em urna, que uma inscrição da Sé do Rio de Janeiro diz conter *os resíduos mortuários* de Pedro Álvares Cabral, força de expressão que tem motivado justificadas críticas».



POESIAS OLISIPONENSES

JUSTAS NA RUA - NOVA

Boa Nova! Boa Nova!
Pregoam os pregoeiros,
que amanhã na Rua-Nova
hão-de justar cavaleiros,
E se a vísseis! Areada,
de panos paramentada,
como se fora um salão!
e, cortando o azul dos céus,
a renque dos mastareus,
cada qual com seu pendão!

Se a vísseis! O Chafariz
junto à ermida da Oliveira,
de alto a baixo é um matiz;
o chão de toda a carreira
vai ser juncado de flores,
como poisada festeira
para boda de senhores;
e os balcões, por não estorvar,
mandou El-Rei derribar.
Que festa não vai ser esta,
amigos, formosa festa!

(De «Manuelinas»)

Os cavalos hão-de ser
dos mais galhardos de Espanha.
Como hão-de menear com sanha
aquelas fortes garupas
nas fúrias do arremeter!
Já cuido estar vendo, às upas,
donairosos cavaleiros
ao entrar no arremessão,
lança no riste, altaneiros
sobre o seu caparazão

Amigos, não faltarei;
quero ir-me às justas d'El-Rei.

Depois, já que Deus me há dado
as manhas de trovador,
no laúde marchetado
onde suspiro de amor
hei-de engendrar uma trova
às justas da Rua-Nova;
e se Resende a aprovar,
co'o seu sorrir de matreiro,
hei-de a talvez interessar
entre as do seu Cancioneiro.

JÚLIO DE CASTILHO

RELATORIO DA JUNTA DIRECTIVA

referente ao ano de 1969 e ao triénio de 1967/69

Exmos. Consócios:

Nos termos do Art.º 33.º dos nossos Estatutos há que apresentar o Relatório sumário do acontecido no ano de 1969 e detalhadamente referir o efectuado no triénio.

Temos que encarar para o ano a mudança de sede, mercê de mais uma generosidade amável do nosso sócio honorário Senhor General França Borges, ilustre Presidente da Excelentíssima Câmara Municipal de Lisboa: foi-nos cedido o andar nobre do Palácio de São Roque onde foi o Clube Inglês. Já, em devido tempo, foi feito o respectivo agradecimento, mas há que consignar aqui o apreço e o reconhecimento pelo alto interesse pelo Grupo, que tal decisão de Sua Exa. representa.

Se no ano findo, o segundo semestre foi menos recheado de realizações, isso deve-se a ele incluir as férias. No entanto visitámos a Igreja do Menino Deus, que data de 1711, as Igrejas de Alfama, incluindo a velha Capela do Espírito Santo na Rua dos Remédios, o Convento de Cristo e a Capela de Nossa Senhora da Conceição, em Tomar, em que fomos coadjuvados pelo vereador da respectiva Câmara Municipal, Sr. Arquitecto Mota Lima e pelo nosso consócio Sr. Brigadeiro Amorim Rosa; e a nova sede, em Lisboa, da União dos Grémios dos Logistas de Lisboa, onde tivemos a honra de ser recebidos pelo Presidente da União, o nosso consócio ilustre Vice-Presidente da Exma. Câmara, Sr. Aníbal David. Visitámos também as modernas instalações do Colégio Universitário Pio XII, ao Campo Grande.

Não foram descuradas as actividades culturais, orais, porquanto se realizaram três sessões de Colóquios Olisiponenses, onde se abordaram a necessidade de reparação das Igrejas de Alfama, a topografia das novas ruas da cidade e em sessões especiais realizámos um recital poético e conferências sobre o lisboeta Gago Coutinho na passagem do centenário do seu nascimento; os nomes de Pinheiro Ferreira e Ricardo Severo e o do P.º Manuel Consciência e outros oradores de renome, naturais de Lisboa, foram focadas pelo nosso Vice-Presidente Sr. Eng.º Júlio Eduardo dos Santos.

Também por ocasião da última conferência do Sr. Eng.º Júlio Eduardo dos Santos, realizou-se na nossa sede uma exposição de obras oratórias de autores lisboetas dos séculos XVII e XVIII e breve apontamento sobre a literatura antoniana de 1959 a 1969.

No capítulo exposições realizámos na sede em Março uma exposição de «Louças, Vidros e Cristais» da colecção do Director Secretário-Geral, e uma exposição de obras camoneanas do nosso consócio Sr. Comodoro Alfredo Motta. Visitámos ainda o novo Cinema Vox, no Areiro, as Grutas da Serra de Santo António, a Igreja de S. Francisco de Paula, etc.

Da Exma. Câmara recebemos o honroso convite de assistirmos ao hastear da bandeira na Domus Municipalis no dia 5 de Outubro e à conferência do teatro da Estufa Fria, pelo Sr. Dr. Alberto Iria. Ainda sobre Vasco da Gama e a sua viagem assistimos a uma exposição na Câmara Municipal a propósito do que a Exma. Câmara editou uma magnífica obra sobre a viagem.

Da nossa actividade cultural reservamos para o fim a realização, em Abril, de mais um Circuito Periférico de Lisboa, o sétimo, dirigido pelo então nosso Director Tesoureiro que orientou a visita. Última realização em que Hugo Raposo nos acompanhou. Antes de referirmos o apontamento doloroso dos sócios que nos deixaram há que referir o seu como a mais grave perda que o Grupo teve. Quando oportunamente se realizar a homenagem a que tem jus e o Grupo tem obrigação de prestar, devemos acentuar a grande soma de serviços que lhe ficámos devendo. Não será fácil esquecer nunca a sua convivência, a sua dedicação e o seu amor à sua cidade natal e ao nosso Grupo de que era fundador e tão prestimosamente serviu.

Além deste devotado consócio perdeu o Grupo este ano mais os seguintes consócios:

- 91 — Dr. António Monteiro da Costa
- 133 — Capitão Júlio da Costa Pinto
- 162 — Dr. José Ferreira d'Almeida
- 551 — Dr. Raul de Matos Ferreira
- 575 — Francisco do A. Couto Duarte
- 718 — D. Olga Violante
- 1022 — Dr. Calixto Armindo
- 1125 — Dr. Luciano José de Oliveira Ribeiro
- 1215 — Boaventura M. Álvaro de Noronha
- 1327 — Major Eugénio Sobreiro Figueiredo e Silva
- 1233 — Afonso de Araújo Sommer
- 1664 — Dr. Acácio Barreiro
- 1779 — António Diniz Lopes
- 2021 — Raul Sobral
- 2068 — Dr. José Coelho da Cunha

- 2197 — Nuno Catarino Cardoso
 2284 — Victor Guedes
 2347 — Dr. Manuel de Andrade Gomes
 2386 — Dr. Sebastião Perestrelo Guimarães
 2547 — José Cansado Lobo de Carvalho
 2738 — Eduardo de Abreu
 2867 — Alberto Virgínio Baptista
 2919 — D. Maria Manuela de M. da Silva Gaio de Oliveira Esteves
 3084 — D. Maria Isabel Xavier Valente
 3096 — Henrique Pinto d'Almeida
 3144 — Dr. Antonino F. Falcão de Campos
 3169 — António Porto Soares Franco
 3216 — António Monteiro d'Oliveira
 3319 — António Reis Almodovar
 3382 — Duque de Palmela
 3493 — António Testa
 3399 — Arlindo da Silva Neves

É de referir, em especial, alguns nomes que mais directamente viveram connosco: entre os sócios fundadores, o Prof. Doutor António Monteiro da Costa, fez parte da Direcção, o Capitão Júlio da Costa Pinto, que ofereceu ao Grupo a obra «Portas Brasonadas» de Alberto de Sousa, aquando do almoço em Santarém em que o homenageámos. O Dr. Calixto Armindo e o Dr. Luciano Ribeiro que nos coadjuvaram nas visitas a Óbidos e Alenquer. O Major farmacêutico Figueiredo e Silva que várias vezes connosco colaborou assim como no nosso Boletim. Nuno Catarino Cardoso, que várias vezes nas nossas sessões tomou parte. Todos merecem uma palavra de saudade e um voto de sentimento.

Foi de cerca de 200 o número de ofícios expedidos pela Secretaria. Conforme o balancete junto foi de 5.351\$22, o resultado negativo do exercício de 1969.

Durante o ano de 1969, foi o seguinte o movimento de sócios:

Existiam em 31-12-968 Efectivos ...	934	
Honorários ...	2	936
Faleceram em 1969	33	
Foram demitidos	36	69
		867
Foram readmitidos... ..	3	
Foram admitidos	44	47
Ficam existindo em 31-12-969		914

Sobre as alterações introduzidas nalgumas igrejas e capelas da cidade e conforme resolução anteriormente tomada representou este Grupo a Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa os seus reparos e opiniões, representação elaborada e meticulosamente documentada pelo nosso Vice-Presidente e por ele e pelos Directores Secretário-Geral e Tesoureiro assinada. À Comissão de Contas, aos directores das visitas e aos conferentes muito agradecemos a sua sempre tão prestimosa colaboração.

São igualmente devidos agradecimentos à Imprensa, Emissores de Rádio e Televisão.

O pessoal cumpriu como de hábito.

Propomos pois:

- a) — Um voto de sentimento pelos sócios falecidos;
- b) — Profundo agradecimento ao nosso sócio honorário Senhor Presidente da Exma. Câmara Municipal de Lisboa, pelo generoso carinho com que sempre nos tem atendido e em especial pela cedência de nova sede em imóvel municipal;
- c) — Agradecimento à Imprensa, Rádio e Televisão;
- d) — Agradecimento ao Senhor Secretário da Comissão de Contas, pela gentileza de continuar a orientar os nossos serviços de contabilidade.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1969.

A JUNTA DIRECTIVA

O Vice-Presidente — em exercício
Eng.º Júlio Eduardo dos Santos

O Director Secretário-Geral e Relator
Doct. Méd. Eduardo Augusto da Silva Neves

O Director Secretário-Geral Adjunto
e Tesoureiro interino
Fernando Dias Pereira

Vogais da Junta Directiva
Dr. Alberto Gomes

Dr. José Pedro Machado
Dr. Paulo Caratão Soromenho

P A R E C E R
D A
C O M I S S Ã O D E C O N T A S

referente ao exercício de 1969

Exmos. Consócios:

A Comissão de Contas, ao apreciar os resultados do exercício de 1968, estimou a situação financeira do Grupo como mais animadora. Outro tanto não o pode fazer, ao examinar os resultados do exercício findo, pelo que se segue:

- 1.º — O número de sócios continua a diminuir e no ano de 1969 essa diminuição mais se acentuou. Ao passo que em 1968 foi de 11, em 1969 foi de 20;
- 2.º — As realizações culturais em 1968 deram um saldo positivo, de 9.130\$00, ao passo que em 1969, o saldo foi de 1.758\$50, mas negativo;
- 3.º — O Grupo não pôde contar em 1969 com o subsídio de 40.000\$00 da Exma. Câmara Municipal de Lisboa.

Pelo exposto, os resultados do exercício de 1969 cifraram-se num saldo negativo de 5.351\$22, apesar dos esforços da Junta Directiva para equilibrar as contas.

Assim, tendo verificado a sua exactidão, temos a honra de propor que aproveis o seguinte:

Relatório e contas do exercício, incluindo os votos consignados no mesmo relatório. É nosso dever destacar, neste momento, em relação ao voto de sentimento, proposto pela Junta Directiva, pelos sócios falecidos, o nome do Sr. Hugo Raposo, que, como Director-Tesoureiro, assinou as contas do exercício de 1968 e cuja dedicação pelo Grupo não é demais louvar.

Um voto de louvor à Junta Directiva, pelo zelo com que geriu os actos administrativos.

Lisboa, 12 de Janeiro de 1970.

A COMISSÃO DE CONTAS

O Presidente

Coronel Aníbal Afra Nozes

O Secretário

Hygino Nunes da Silva

O Relator

Dr. Francisco Gonçalves do Couto Santos

Corpos Directivos e Secções de Estudo Para o Triénio 1970-1972

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Conde de Rio Maior

Vice Presidente — Professor Armando de Lucena

1.º Secretário — Joaquim Pascoal Rodrigues

2.º Secretário — Marcial Pereira Mendes

JUNTA DIRECTIVA

EFFECTIVOS

Presidente — Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves

Vice Presidente — Dr. Álvaro do Amaral Barata

Secretário-Geral — Dr. José Cassiano Neves

Secretário-Geral Adjunto — Dr. Alberto Gomes

Tesoureiro — Fernando Dias Pereira

Vogais — Coronel Aníbal Afra Nozes

Dr. Paulo Caratão Soromenho

Padre Francisco dos Santos Costa

Dr.^a D. Ana-Maria Pereira da Gama

SUBSTITUTOS

- Presidente* — Prof. Doutor João Cândido de Oliveira
Vice Presidente — D. Julieta Ferrão
Secretário-Geral — José Pires Cardoso de Oliveira
Secretário-Geral Adjunto — Dr. Manuel Hermenegildo Lourinho
Tesoureiro — Inocêncio Castelhana
Vogais — Acúrcio Pereira
Joaquim Paço d'Arcos
Dr. José Garrido Mendes da Cruz
Professor Francisco de Oliveira Martins

COMISSÃO DE CONTAS

EFFECTIVOS

- Presidente* — Coronel Francisco Pereira Lacerda Machado
Secretário — Hygino Nunes da Silva
Relator — Dr. Francisco Gonçalves do Couto Santos

SUBSTITUTOS

- Presidente* — Luciano Mendes Moreira
Secretário — Eng.º Diogo Sobral
Relator — Dr. Vasco Tomás do Rio Penha Coutinho

SECÇÃO DE ESTUDOS HISTÓRICOS
E DEFESA DO PATRIMÓNIO OLISIPONENSE

Dr.^a D. Ana-Maria Pereira da Gama, Coronel Francisco Pereira de Lacerda Machado, Dr. Durval Pires de Lima, Eng.^o João dos Santos Simões, D. Julieta Ferrão e Conde de Rio Maior

SECÇÃO DE ESTUDOS ECONÓMICOS E SOCIAIS

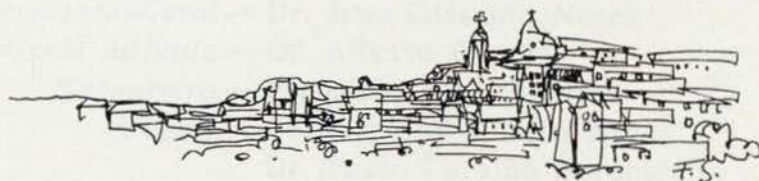
Dr. Jaime Lopes Dias, Eng.^o José de Araújo Correia, Prof. Doutor José Pires Cardoso, Mário da Conceição Costa, Doutor José Henrique de Azeredo Perdigão e Carlos Augusto Marques

SECÇÃO DE ESTUDOS DE ESTÉTICA E URBANIZAÇÃO

Professor Armando de Lucena, Eng.^o Diogo Sobral, Jaime Martins Barata, Dr. Paulo Caratão Soromenho, D. Julieta Ferrão e Arq.^o António Maria Veloso Reis Camelo

SECÇÃO DE MOVIMENTO CULTURAL E PROPAGANDA

Dr. José Pedro Machado, Padre José Correia da Cunha, D. Julieta Ferrão, Fernando Dias Pereira, Dr. José Garrido Mendes da Cruz e Adolfo Simões Müller



ALMOÇO COMEMORATIVO DO 34.º ANIVERSÁRIO DO GRUPO

No passado dia 22 de Março realizou-se no velho Restaurante Tavares, na Rua da Misericórdia, o almoço comemorativo do 34.º aniversário da fundação do Grupo. Reunidas cerca de 50 pessoas, em agradável e amistososo convívio, durante o qual usaram da palavra o Presidente eleito da Direcção, o Director Tesoureiro e o Presidente eleito da Assembleia Geral, respectivamente os Srs. Doutor Eduardo Neves, Fernando Dias Pereira e Conde de Rio Maior, que disseram:

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Após uma refeição em tão alegre e amável convívio não é apropriado nem agradável fazer ou ouvir um discurso — porque poderia alterar as digestões e por mais que se amenisassem os dizeres seriam estes sempre indigestos.

Devo, pois, limitá-los aos meus cumprimentos a V. Exas., lamentando não estarem presentes alguns dos nossos, afastados por doença, e fazer votos de prosperidades para o novo triénio que começa para os novos eleitos, entre os quais estou eu, em novo e difícil cargo, de que em breve tomaremos posse após a homologação legal.

É difícil a vida das agremiações como a nossa, vão diminuindo, pela lei natural, os românticos da primeira hora, e a mocidade parece pouco dada a estas inclinações sobre saber e estudar e até servir — e gratuitamente — a grei e a instituição.

Nesta época da contestação, nós, só temos a contestar o que se faça e diga contra a nossa terra — LISBOA — onde nascemos e neste «tour de force» que são os nossos 35 anos de existência com cerca de 130 números publicados do nosso boletim OLISIPO, dos quais dois no prelo e um substancioso índice do que fizemos nos primeiros trinta anos de actividade, que é bem a demonstração da nossa operosidade, sempre A BEM DE LISBOA. Se ansiamos trabalhar mais e melhor, Deus nos ajudará.

Reservo-me para a cerimónia da nossa posse, para esboçar então o programa da nossa futura acção e limito-me hoje a renovar a todos V. Exas. as minhas saudações e a esperar de todos a colaboração prestimosa que V. Exas. podem dar e eu tanto e o nosso Grupo precisarão.

Assim seja.

E. N.

★

Senhor Presidente da Assembleia Geral,
Senhor Presidente da Junta Directiva,
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Antecedendo duas palavras sobre os vizinhos do Tavares, permitam V. Exas. que dirija um pensamento à memória do meu falecido amigo Hugo Raposo, e não só como amigo o faço, mas, também, porque lhe herdei o cargo de Tesoureiro na nossa Junta Directiva.

Hugo Raposo foi um homem elegante de pensamento e de atitudes. Após a fundação do nosso Grupo tornou-se um dos grandes animadores das suas actividades, e a sua colaboração nas mesmas está largamente documentada no Boletim OLISIPO.

Como nosso Tesoureiro, cargo que desempenhou durante muito largos anos, prestou ao Grupo profícua e assídua assistência. Assim eu possa corresponder à pesada herança que me deixou.

Homem de coração bondoso, cito apenas a sua grande dedicação pelo Asilo de Santa Catarina.

Foi um homem recto. Paz à sua alma.

Os vizinhos do Tavares — não me refiro aos do mesmo prédio — somos nós, evidentemente. Este Tavares, nosso consócio, de tantas tradições entre fidalgos, artistas, jornalistas, gente grada da finança e da política, mantém ainda na sua sala principal, sensivelmente, o mesmo ambiente que vem da transformação operada ao terminar o século XIX — espelhos, tons marfim e ouro velho — donde lhe veio o título por que tem sido conhecido de então para cá: o Tavares Rico.

Este velho Tavares, permito-me continuar a considerá-lo o primeiro restaurante de Lisboa, vem de 1784, diz Norberto de Araújo, fundado que foi por Nicolau Massa, conhecido por o «Talão», chegou às mãos dos irmãos Tavares no primeiro quartel do século XIX, passando depois pelos Caldeiras, pai e filho.

Actualmente, e desde há muitos anos, é dirigido por um grupo de homens mestres no seu ofício, e, para que conste, refiro os nomes dos Chefes Vicente e Ferreira, e do Escanção Fernando Ferramentas, primorosos nos conselhos gastronómicos e vinícolas e queridos dos seus clientes.

Atrevo-me a dizer que o Tavares já merece uma medalha.

Vizinhos do Tavares! Fomo-lo desde sempre. De 1936 a 1940, na sede da Sociedade Propaganda de Portugal, no Largo do Chiado; depois, e até 1953, no 2.º andar do n.º 26 da Rua Garrett. Em 1953 nova mudança para o 9 do Largo Trindade Coelho, onde ainda nos encontramos. Os locais são equidistantes, o Tavares fica no centro.

E, para finalizar, mais uma nota sentimental. Da ala dos catorze namorados que organizou o Grupo *Amigos de Lisboa*, aliciando com o seu vibrante entusiasmo uma elite apaixonada pela sua cidade, restam hoje dois: o actual Presidente da Junta Directiva, Senhor Doutor Eduardo Neves, e o Senhor Luís Pastor de Macedo.

Dediquemos um pensamento muito reconhecido aos que partiram deste mundo, todos fazendo parte de um escol de estudiosos lisiponenses.

Foram eles:

Dr. Alberto Mac Bride
Dr. Álvaro Maia
Eng.º Augusto Vieira da Silva
Dr. Eugénio Mac Bride
Gustavo de Matos Sequeira
João Pinto de Carvalho
Coronel José Maria Sardinha Pereira Coelho
Dr. José Leitão de Barros
Dr. Levy Marques da Costa
Mário de Sampayo Ribeiro
Norberto de Araújo
Rocha Martins

Aos dois namorados que restam da famosa ala desejamos longa vida,

A BEM DE LISBOA

Fernando Dias Pereira

★

O Presidente da Assembleia Geral saudou os convivas em especial os recém-eleitos, agradecendo a sua eleição para o novo cargo e fazendo votos, com fundada esperança, nos futuros anos que se vão seguir.

Ao café, o conviva Sr. Basílio Gil Fernandes recitou a poesia que segue, feita na ocasião:

SAUDAÇÃO

Aos *Amigos de Lisboa*,
Neste nosso aniversário
Cuja memória guardaremos
Em doirado relicário,

Apetecemos longa vida.
E o que mais desejamos
É nova etapa vencida
E que outro almoço façamos.

De todos estes amigos
Companheiros do Santo Graal,
Por hoje nos despedimos
Em nome de Portugal!

O convívio que se prolongou até depois das 18 horas, esteve muito animado. No ágape tomaram parte:

Conde de Rio Maior
Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves
D. Julieta Ferrão
Senhora de Sousa Duarte
D. Christina Bérens Freire
Arquiteta Dr.^a Anna-Maria Pereira da Gama
Comodoro João de Sousa Duarte
Coronel Francisco Pereira de Lacerda Machado
Comodoro Carlos Henrique
Dr. José Cassiano Neves
Dr. Paulo Caratão Soromenho
Senhora de Caratão Soromenho
Dr. Alberto Gomes
Fernando Dias Pereira
Senhora de Dias Pereira
Dr. Francisco Gonçalves do Couto Santos
Senhora de Couto Santos
D. Laura Satúrio Pires
Augusto José Duarte
Senhora de José Duarte
Dr.^a D. Maria Alice Vieira da Cruz
D. Maria Amélia Vieira da Cruz

D. Mariae Dimbla
Dr.^a D. Maria da Glória Filipe de Sousa
João Vidago
Senhora de João Vidago
D. Clotilde Bragança
D. Maria Adelaide da Cunha Rêgo Monteiro dos Santos
D. Celeste Aurora Resende
D. Maria Amélia Moreau
António João Mendes
Senhora de João Mendes
João Baptista Pato
Dr. Mário J. Lopes de Macedo de Sousa Romano
Senhora de Sousa Romano
Luciano Mendes Moreira
D. Maria do Rosário Carvalho Soares
Comandante Jorge Afonso P. Fernandes Wagner
Jorge Rebelo
Senhora de Jorge Rebelo
D. Edith Alves
D. Simone Olavo Corrêa de Azevedo
D. Maria Joana Saúde de Abreu Carvalho
Basílio Gil Fernandes
Américo Marques Ferreira
Maria Raquel de Sousa Bela
Caetano dos Reis



ACTIVIDADE CULTURAL

do primeiro trimestre de 1970

Em Janeiro deste ano, realizou-se a 29, a sessão comemorativa do 1.º Centenário do nascimento do Senhor Coronel Augusto Vieira da Silva, que foi nosso Presidente de Honra e o primeiro Presidente da Junta Directiva. Nessa sessão proferiu uma conferência o nosso Director Secretário-Geral que presidiu secretariado pela Sr.ª Dr.ª D. Anna-Maria Pereira da Gama e pelo Dr. Alberto Gomes. Durante a conferência esteve exposta uma colecção das obras do Eng.º Vieira da Silva e alguns autógrafos de sua autoria, entre eles o original manuscrito da sua separata «A Sala do Risco». A sessão trouxe às nossas salas grande número de associados.



A Mesa da Sessão Comemorativa do Centenário de Vieira da Silva

Em 31 de Janeiro realizou-se a Assembleia Geral para aprovação dos Relatórios da Junta Directiva e da Comissão de Contas e eleição dos Corpos Gerentes para o triénio 1970/72.

Os Relatórios referidos são publicados neste número. A exposição bibliográfica de obras de Oratória de autores lisboetas dos séculos XVII e XVIII e obras antonianas, tem continuado aberta e bastante frequentada.

Em Fevereiro, a 15, realizou-se a visita de estudo à Igreja Paroquial da Pena, dirigida pelo Rev.º Pároco Sr. Padre Carlos Ribeiro Guimarães, que fez a história resumida do referido templo, rico em talha dourada, imagens e quadros e que foi recentemente beneficiado, assim como seu valioso órgão que, há pouco restaurado, deu origem a algumas interessantes publicações sobre a sua história e que uma Comissão levou a cabo sob a presidência de Sua Eminência e de que o Grupo fazia parte. Foram nessa altura inauguradas as dependências da Igreja para obras assistenciais.

A 19 realizou-se a 65.ª sessão de Colóquios Orlisiponenses, em que o Doutor Eduardo Neves, referiu algumas efémerides sobre a calçada de Santana, o Convento do mesmo nome, e as suas imediações, tendo citado a casa onde morreu Luís de Camões, o Convento de Santana, a Botica da Peça, e as pessoas notáveis do local e a antiga estátua de Sousa Martins, bem como a actual que deu origem a explosão do culto espírita.

A 22 foram visitadas as instalações das Oficinas de São José, e a Igreja anexa da Direcção dos Padres da Ordem Salesiana, visita que foi dirigida pelo Rev.º Padre Germano Correia Botelho que acompanhou os sócios junto com o Padre Armando da Silva e o mestre Alfredo Moreira. Foram visitadas as oficinas de impressão, composição, encadernação e «offset» e a serralharia mecânica, acabando a visita na Igreja de Maria Auxiliadora e no novo edifício para as instalações da casa.

Em Março, a 15, foram visitadas as instalações dos Inválidos do Comércio na Rua Alexandre Ferreira, ao Lumiar, sendo os visitantes recebidos por membros da Direcção e pela regente Sr.ª D. Esmeralda Telles. Acompanhou os visitantes o Sr. Jaime Bento Marques, vice-presidente da Direcção, que saudou os visitantes recordando as antigas visitas à mesma instituição com requintes de amabilidade.

A 22 realizou-se o almoço comemorativo do 34.º aniversário da fundação do Grupo, no Restaurante Tavares, tendo-se reunido cerca de 50 pessoas. A mesa foi presidida pelos Srs. Conde de Rio Maior e Doutor Eduardo Neves, respectivamente Presidentes eleitos da Assembleia Geral e da Junta Directiva. Usaram da palavra os dois presidentes e o Sr. Fernando Dias Pereira, tendo proferido uma saudação em verso o Sr. Basílio Gil Fernandes.

Discursos e versos são publicados neste número.

A 30 terminaram as actividades culturais do trimestre com uma conferência com projecções a cores, feita pelo ilustre arqueólogo Sr. Dr. Octávio da Veiga Ferreira sobre «Estudo do Campaniforme na Península de Lisboa». A sessão foi largamente concorrida.



O Dr. Octávio da Veiga Ferreira pronunciando a sua conferência

Durante o trimestre o Grupo recebeu vários convites e compareceu a várias realizações. Assim em 1 de Janeiro foi convidado para o Porto de Honra comemorativo do 1.º Centenário da Sociedade Boa União, em Alfama, e durante a sessão solene foram-lhe oferecidas a respectiva medalha e uma placa comemorativa, o que oportunamente se agradeceu.

Aquando da sua saída de presidente da Exma. Câmara Municipal de Lisboa, fez-se representar, pelo Director Secretário-Geral, no jantar de homenagem ao Senhor General António Vitorino França

Borges. O representante do Grupo foi colocado na Mesa de Honra. O Senhor General, antes de abandonar o seu lugar, visitou pessoalmente a sede do Grupo.

O Grupo foi convidado e fez-se representar na Sessão Solene inaugural do novo ano da Sociedade das Ciências Médicas, em 24 de Fevereiro, e foi convidado para a ante-estreia do filme «Uma Fábula» no Cinema Império, levado à cena, em 9 de Março, pela Mobil Oil Portuguesa e para uma conferência do Cap. Frag. Esteveira de Ataíde no Grémio Literário. Fez-se também representar na conferência da Sr.^a D. Julieta Ferrão, acerca de «Humoristas Ingleses» realizada no Instituto Britânico.

E. N.



OBRAS LITERÁRIAS RECEBIDAS

A biblioteca do Grupo honrou-se, no trimestre passado, com a oferta de várias obras. Queremos destacar «Pensamentos e Máguas» da autoria da nossa consócia D. Christina Bérens Freire, que já várias vezes tem distinguido as colunas de OLISIPO com produções suas de índole olisiponense. Este inspirado volume, VII dos publicados desde 1957, e quase todos esgotados, é como se infere do seu título cheio de inspirações saudosas, todas elas baseadas em emoções vividas pela autora. A crítica, toda ela amável, publicada em números de jornais e revistas, tem sido altamente favorável; queremos abonar-nos na opinião dum mestre e por isso transcrevemos a do poeta Carlos Lobo publicada no Arquivo de Ex-Libris de que é director. Acerca do soneto «Em Alfama» diz o citado autor que é para ser lembrado numa antologia poética de Lisboa e acerca dum sonetinho chama-lhe «escultura admirável a perpetuar pelo tempo fora».

Também o nosso ilustre consócio Sr. Dr. Carlos Lobo de Oliveira publicou ultimamente mais um livro de versos que merece referência especial. «SILÊNCIO FECHADO», como os anteriores do mesmo autor: «Roteiro das Saudades», «Alegria do Céu», «Alegre Melancolia», — que mereceu o prémio Antero de Quental — e «Meditação do Tempo», é obra de mérito e muito honra a literatura nacional. Felicitamos o nosso ilustre consócio e director do Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris.



Feira da Ladra



FICHEIRO

54. *Grupo Desportivo do Calhariz de Benfica*

Fundado em 1 de Julho de 1935, iniciou a sua actividade pela prática do futebol, mas foi precisamente neste ramo de actividade que veio a sofrer a sua primeira e grande crise.

Instalado o seu campo de jogos nos terrenos onde veio a surgir o Bairro de Santa Cruz, tiveram que abandonar o futebol, que lhe havia grangeado simpatias, mas os seus dirigentes souberam vencer a crise e adaptar o grupo a uma vida completamente diferente, enveredando pelas modalidades recreativa e cultural.

A par da constituição de um grupo cénico, surgiu a divulgação cultural pela leitura, graças a uma excelente biblioteca oferecida pela Câmara Municipal de Lisboa, a qual tem sido enriquecida com ofertas de alguns associados, património valioso que está à disposição da população associativa.

O grupo que viveu sempre no sítio que lhe dá o nome — o Calhariz de Ben-

fica — ocupa presentemente a sua terceira sede, instalada numa propriedade do Albergue das Crianças Abandonadas, alugada quando devoluta. Ali têm os associados a sua biblioteca, salão de festas, salas para jogos lícitos, bufete e sala equipada com aparelho de televisão.

55. *Tertúlia Edípica*

Esfinge, simboliza o enigma, Edipo, personifica o decifrador de charadas.

Foi precisamente um grupo de decifradores de charadas que em 7 de Agosto de 1922 deliberou fundar a Tertúlia Edípica.

Instalados na rua José Estevão n.º 127-1.º passaram para a sede da benemérita Sociedade de Geografia de Lisboa, donde transitaram para a rua de Arroios n.º 11-1.º Esq., tendo uma sala de convívio na rua de S. Lazáro, n.º 130-2.º Dto.

Lutando com o cruciante problema económico que afecta a maioria das nossas colectividades, a Tertúlia Edípica vai vencendo as dificuldades que se lhe deparam, a caminho do seu meio século de existência.

A sua expansão é, no entanto, considerável, pois subdivide-se noutras tertúlias que lhe estão associadas e que se situam em diversos pontos de Portugal Continental, Insular e Ultramarino, sendo igualmente considerável o número das constituídas em diversos Estados do Brasil.

Na sede, em Lisboa, os sócios têm à sua disposição uma biblioteca especializada com cerca de mil volumes. Promovem anualmente um passeio, o qual, para além da confraternização, visa o enriquecimento dos seus participantes no campo charadístico.

Tem a Tertúlia editado valiosos dicionários da especialidade e mantém, desde a sua fundação, como órgão oficial, a apreciada revista «O Charadista», a mais conceituada das publicações da especialidade, editada em língua portuguesa.

56. «Os Galos Unidos»

Já tem 21 anos de existência o Grupo Beneficente «Os Galos Unidos».

Fundando-o em 1 de Abril de 1949, os seus iniciadores tiveram como objectivos

as crianças e o excursionismo. A sede é na rua Augusto dos Santos.

Todos os anos «Os Galos Unidos», além de uma excursão para os sócios e familiares, promoveram vários actos de confraternização, contemplan com lembranças algumas dezenas de pobres da freguesia de S. Sebastião da Pedreira e vestem e calçam dezenas de crianças das mais carecidas, às quais, nesse dia, oferecem uma merenda.

Com o nome do Grupo — «Os Galos Unidos» — publicam também quando das comemorações do aniversário um curioso boletim.

Trata-se de um grupo de amigos dispostos a uma grande campanha de bem-fazer.

Zacarias da Silva



ALGUMAS EDIÇÕES AINDA À VENDA

	PREÇOS	
	Sócios	Público
O CAMPO DE SANTA CLARA, por <i>António Ribeiro da Silva e Sousa</i>	13\$50	15\$00
CASAS ONDE, EM LISBOA, RESIDIU ALMEIDA GARRETT, por <i>Henrique C. Ferreira Lima</i>	18\$00	20\$00
A COR DE LISBOA, colaboração de vários autores	18\$00	20\$00
O «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» E O SÉCULO XIX, por <i>Luís Teixeira</i>	4\$00	5\$00
FANTASIAS SOBRE A ORIGEM DO NOME DE LISBOA, pelo <i>Eng. A. Vieira da Silva</i>	18\$00	20\$00
A IRMANDADE DE S. LUCAS, por <i>F. A. Garcez Teixeira</i>	18\$00	20\$00
LISBOA (Comédia), por <i>Gustavo de Matos Sequeira</i>	18\$00	20\$00
LISBOA DE OUTRORA (2.º e 3.º vols.), por <i>Tinop</i> — cada	18\$00	20\$00
OLISIPO BERÇO DO PERIODISMO PORTUGUÊS, por <i>Alfredo da Cunha</i>	13\$50	15\$00
A PONTE DE ALCÂNTARA E SUAS CIRCUNVIZINHANÇAS — Notícia Hstórica pelo <i>Eng. A. Vieira da Silva</i>	18\$00	20\$00
RONDA E SILVA DE LISBOA VELHA, por <i>António Ribeiro da Silva e Sousa</i>	9\$00	10\$00
URBANIZAÇÃO DE LISBOA, colaboração variada ...	4\$00	5\$00
PINA MANIQUE — O POLÍTICO O AMIGO DE LISBOA	31\$50	35\$00
O Colégio DE «JESUS» DOS MENINOS ORFÃOS DA MOURARIA	18\$00	20\$00
O ROMANCE DE ALMEIDA GARRET NESTA LISBOA	18\$00	20\$00

As últimas três obras são da autoria do Prof. F. de Assis de Oliveira Martins

RAMOS
AFONSO
&
MOITA
LIMITADA



OFICINAS
GRÁFICAS



Rua de "A Voz do Operário" 5-A Tel. 86 30 74/5 LISBOA-2

B E B A

**CERVEJA
SAGRES**

A SEDE QUE SE DESEJA

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

PLANTAÇÕES E FÁBRICAS DE AÇÚCAR EM

LUABO e MARROMEU

PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

há um lugar
para ti
no mundo
de amanhã



- * A Mobil pode ajudar-te a conquistá-lo.
Desde 1956 que vem concedendo Bolsas de Estudo
de 3 anos aos alunos do 4º ano de
Engenharia Mecânica ou Químico - Industrial.
- * Uma delas pode ser para ti.

Mobil

Mobil Oil Portuguesa

**TRADIÇÃO E
PROGRESSO**



Banco Borges & Irmão



**PORTO: RUA SÁ DA BANDEIRA, 20
LISBOA: LARGO DE S.JULIÃO, 1 a 7
AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS
CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO**